



A informação contida nesta ficha foi compilada por Jaume Portell, jornalista especializado em economia e relações internacionais, numa atividade co-financiada a 85% por fundos FEDER no âmbito do projeto [AfricanTech](#) (1/MAC/1/1.3/0088) da iniciativa INTERREG VI D MAC 2021-2027.

UGANDA

Quadro macroeconómico:

O PIB do Uganda cresceu 4,6% em 2023, um valor ligeiramente inferior ao crescimento de 6,3% registado no ano anterior. O African Economic Outlook de 2024 destaca o papel da mineração e da construção, ao mesmo tempo que aponta a redução da indústria transformadora como uma das razões para a desaceleração do crescimento. O governo está a reduzir o défice, passando de 7,4% do PIB em 2022 para 5,5% em 2023. Parte do investimento estrangeiro está a ser canalizado para os setores do petróleo e do gás, com as primeiras exportações previstas para o ano fiscal de 2025-2026, segundo o relatório do FMI sobre o país. A produção de petróleo deverá atingir 230 000 barris por dia, colocando o Uganda entre os dez maiores produtores de petróleo do continente. Os projetos de extração contam com o apoio do governo ugandês, da empresa chinesa CNOOC e da empresa francesa Total Energies. O PIB do Uganda em 2023 foi de 49 mil milhões de dólares, oito vezes superior ao do ano 2000.

Dívida e moeda:

O Uganda, que em 2012 pagou 68 milhões de dólares em serviço anual da dívida, pagará um valor significativamente mais elevado em 2025, atingindo 1,264 mil milhões de dólares, segundo o Banco Mundial. Os pagamentos anuais permanecerão acima dos 1,2 mil milhões de dólares até 2031. A maior parte da dívida é detida por credores multilaterais, com destaque para o Banco Mundial (33%) e o Banco Africano de Desenvolvimento (14%). Entre os parceiros bilaterais, a China é o principal credor, representando 18% da dívida ugandesa.

A moeda local, o xelim ugandês, desvalorizou-se desde 2014, embora tenha mantido um nível relativamente estável nos últimos cinco anos, situando-se em torno de 3 700 xelins por dólar americano. Os pagamentos anuais da dívida, juntamente com o agravamento dos termos de troca – queda dos preços do ouro e do café, aumento do preço da gasolina e de outras importações – são os principais riscos para a estabilidade da moeda. No entanto, as

vendas de petróleo deverão ter um efeito contrário, fortalecendo a moeda assim que a produção se iniciar no próximo ano.

Importações e exportações:

O Uganda é autossuficiente em milho, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, e produz a maior parte do arroz e do sorgo que consome. Isto torna o país menos dependente das importações de cereais em comparação com outras nações africanas. A única grande vulnerabilidade nesse aspeto é o trigo, cuja produção local cobre apenas 7% da procura, obrigando o Uganda a importar o restante. As principais categorias de importação (avaliadas em 4,66 mil milhões de dólares em 2022) incluem maquinaria, veículos, vacinas e medicamentos. Metade das importações provém de países asiáticos, com destaque para a China (23%) e a Índia (13%).

As exportações, avaliadas em aproximadamente 5 mil milhões de dólares, são altamente concentradas, com mais de 50% representadas por apenas dois produtos: ouro e café. O início da produção de petróleo bruto adicionará uma nova fonte de receita às exportações ugandesas. Os principais destinos das exportações são os Emirados Árabes Unidos, a Índia e Hong Kong – todos ligados ao comércio de ouro. Na Europa, o principal mercado de exportação do Uganda é a Itália, sobretudo no setor do café.

Energia e eletricidade:

De acordo com a Agência Internacional de Energia, 90% do mix energético do Uganda é composto por biocombustíveis. Com um consumo de quase 195 000 TJ, o país ocupa a 10.^a posição em consumo energético no continente africano. O desafio colocado pela produção de petróleo é evitar o paradoxo observado em países como a Nigéria e Angola, que exportam petróleo, mas acabam por gastar parte das suas receitas na importação de combustível do estrangeiro.

Cerca de 90% da eletricidade do Uganda provém de fontes renováveis. A energia hidroelétrica representa a maior parte da produção, seguida da bioenergia (transformação de biomassa) e da solar. A produção total de eletricidade atingiu os 5 TWh em 2023.

Defesa:

Os gastos anuais em material de defesa totalizaram 931 milhões de dólares em 2023, de acordo com o SIPRI, um instituto sueco especializado no comércio de defesa. O valor de 2023 representa 9,58% da despesa governamental. Desde o ano 2000, o principal fornecedor de equipamento militar do Uganda tem sido a Rússia.

Demografia:

Em 1990, 9 em cada 10 ugandeses viviam em áreas rurais, um número que agora se situa nos 73%. Nas últimas três décadas, a população do Uganda passou de 17,58 milhões para 48,58 milhões de habitantes. Kampala, a capital, e a sua área metropolitana ultrapassaram os 4 milhões de habitantes em 2024, e as projeções da ONU indicam que esse número

atingirá os 7 milhões em 2035. A esperança de vida aumentou de 46 anos em 1990 para 64 anos em 2022. Metade da população tem menos de 16 anos.

Inovação tecnológica:

De acordo com os dados do Banco Mundial, o acesso à Internet entre a população ugandesa continua a ser muito limitado. Em 2010, a taxa de penetração era de 4%, um valor semelhante ao de outros países vizinhos; mais de uma década depois, em 2022, essa percentagem tinha subido apenas para 10%.